

[ARTIGO]

A revolta negra periférica nos anos 90 através do grupo Racionais MC's

Matheus de Moura e Silva¹

INTRODUÇÃO

O *hip-hop* teve origem nos Estados Unidos na década de 1970, em meio a uma crise econômica e social. A recessão afetou especialmente as minorias étnicas em bairros periféricos, levando a uma onda de violência, desemprego e pobreza. O surgimento do *hip-hop* está relacionado a eventos musicais no Bronx, Nova Iorque, onde jovens afro-americanos e latinos começaram a utilizar a dança e a música para desenvolver uma consciência crítica em relação aos problemas que permeavam o seu entorno e para mitigar os conflitos que ocorriam entre as gangues.

Na década de 1980, o movimento chegou ao Brasil, sendo São Paulo a cidade pioneira do *hip-hop* no país. O *rap* é o gênero musical que compõe um dos quatro elementos do *hip-hop*, ao lado do *breaking*, do DJ e do grafite. No Brasil, os primeiros a se destacarem fazendo *rap* foram Thaide e DJ Hum, Pepeu e o grupo Racionais MC's. Desde o início, o estilo musical apresentou-se com um caráter de politização e denúncia.

Fora dos círculos acadêmicos, nas periferias de São Paulo, o grupo Racionais conseguiu influenciar uma geração de jovens negros que foram relegados a uma situação de vulnerabilidade pelo Estado. O grupo liderado por Mano Brown é o mais relevante do cenário *hip-hop* brasileiro, tendo vendido centenas de milhares de álbuns. Entretanto, mais do que números de discos vendidos, os Racionais MC's representaram um contingente da população negra espalhada pelas periferias do país.

O grupo Racionais MCs foi fundado em 1988, tendo como integrantes Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Através de encontros

¹ Historiador formado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: matheusacm92@gmail.com

em bailes *blacks*, os quatro acabaram se conhecendo, e um produtor musical sugeriu que se unissem para formar um grupo. A sugestão foi acatada, e o nome do grupo foi inspirado no álbum *Tim Maia Racional vol. 1* (1975), de Tim Maia.

A ascensão do grupo foi instantânea, tendo suas músicas tocadas em todo o país com quatro álbuns de estúdio lançados, sendo um deles, *Sobrevivendo no inferno* (1997), considerado o 14º melhor álbum de música brasileira pela revista *Rolling Stone*, dois EPs gravados, um DVD, dezenas de prêmios e, mais recentemente, tema de diversos trabalhos acadêmicos.

Para este artigo, serão utilizadas músicas dos discos *Holocausto Urbano* (1990), *Escolha seu caminho* (1992), *Raio X do Brasil* (1994) e *Sobrevivendo no Inferno* (1997). A exceção fica para uma canção do álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002). O recorte temporal escolhido foi os anos 90, por se tratar do período de consolidação do *rap* brasileiro, quando o gênero musical vai apresentar sua face e mostrar a que veio, coincidindo com um período de mudanças no país, a época da chamada Nova República.

A REALIDADE

Considerando que o gênero musical *rap* demonstra uma preocupação acentuada com a realidade que envolve os *rappers*, as canções do grupo Racionais MC's foram escolhidas como objeto de estudo para a pesquisa, com o objetivo de compreender uma parte da população negra nas periferias durante a década de 1990.

Os rappers falam como porta-vozes desse universo silenciado em que os dramas pessoais e coletivos desenvolvem-se de forma dramática. Chacinas, violência policial, racismo, miséria e a desagregação social dos anos 90 são temas recorrentes na poética rapper (Silva, 1999, p.31).

Entretanto, mesmo com o *rapper* buscando expressar em suas músicas elementos do cotidiano e com este artigo se propondo a utilizar as canções como relatos da época, é importante fazer algumas ressalvas. Marcos Napolitano destaca que as músicas, enquanto fontes históricas, são “portadoras de uma tensão entre evidência e representação” (Napolitano, 2021, p. 240). Por isso, a importância de percebê-las “em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (Napolitano, 2021, p. 236).

Ou seja, nem sempre o conteúdo nas músicas representa eventos reais. Sobre essa tensão entre evidência e representação nas canções, em

uma entrevista, o próprio Mano Brown, um dos integrantes do grupo Racionais MC's, esclarece alguns pontos sobre as letras de *rap* serem parte de uma realidade propriamente dita:

Isso não tem jeito. Tudo bem, o rap tem o poder de fazer o cara se inspirar às vezes numa fita ou outra, só que ele não é realidade pura, mano. É como tirar uma paisagem da vida real e fazer um desenho. Se você pega um quadro, pinta uma criança catando lixo, na vida real é feio pra caralho, mas todo mundo vai querer comprar. Entendeu a diferença? Aí é que tá o barato do rap. O rap é o retrato do barato. Se você quiser vender aquilo ali, ninguém compra, você vai ter que transformar. Por que o cara gosta e compra o rap? O bagulho rima, tem a batida, tem balanço... Fala umas palavras que no dia a dia o cara nunca imaginava que ia virar um rap. É tudo magia, truta. Cada música que eu faço para mim é um filho. Todas têm uma personalidade, têm alma (Pimentel, 2000).

É nesse sentido que surge a necessidade de compreender o contexto socioespacial dos atores sociais deste estudo, no caso, os integrantes do grupo Racionais MC's, que fazem parte de um conjunto maior de cidadãos residentes nas periferias. Com isso, esse contexto e os dados apresentados aqui contribuem para corroborar as narrativas expostas na música.

Foi na década de 1990 que o *rap* nacional apresentou suas letras mais incisivas, principalmente como consequência da política neoliberal instalada no país, a qual acentuou a desigualdade no Brasil. Além disso, a violência nas periferias paulistanas originava-se tanto da criminalidade quanto da repressão policial, que, evidentemente, persistia mesmo após o fim da Ditadura.

A partir de 1989, observa-se um crescimento descomunal de homicídios por arma de fogo em São Paulo, com as periferias concentrando a maior parte desses crimes, principalmente nas Zonas Leste e Sul, regiões onde a pobreza é mais acentuada e o Estado falha em propor políticas públicas de assistência à população.

Os números não escondem essa realidade; somente entre 1985 e 1995, morreu mais gente na cidade de São Paulo do que os soldados americanos em toda a guerra do Vietnã. Porém, os números também mostram que as maiores vítimas dessa hecatombe têm sido de fato a população pobre e marginal das periferias da cidade, como se houvesse uma relação direta deste delito em maior ou menor número, de acordo com a condição socioeconômica da vítima (Alencar, 2001, p.79).

No que tange ao perfil dos envolvidos nessa onda de violência, jovens do sexo masculino entre 16 e 25 anos eram a maioria, 70% destes sem

antecedentes criminais, com 90% dos homicídios sendo praticados por armas de fogo (Alencar, 2001, p. 90, p. 91). Assim,

Se um cidadão é morador da periferia, não é branco, for jovem e principalmente considerado pela polícia como suspeito de qualquer delito ou estiver em "atitude suspeita", pode ser um candidato potencial a ser eliminado bastando os policiais considerarem ou alegarem que resistiu de alguma forma à ação policial (Pinheiro; Izumino; Fernandes, 1991, p.110).

Com isso, é possível observar que as características dos principais alvos da violência na periferia correspondem exatamente ao perfil dos integrantes do grupo na década de 90. No entanto, conforme relatado por eles próprios, os integrantes sobreviveram ao extermínio praticado pelo Estado brasileiro e seguiram "contrariando as estatísticas" (Racionais MC's, *Capítulo 4, versículo 3*, 1997).

Dois dos membros do grupo, KL Jay e Edi Rock, residiam na Zona Norte de São Paulo, na Vila Mazzei. Por outro lado, Ice Blue e Mano Brown moravam na Zona Sul, no Vaz de Lima e Capão Redondo, respectivamente. De forma mais acentuada do que os integrantes residentes da Zona Norte, Blue e Brown conviviam mais rotineiramente com a violência, sendo o Capão Redondo, inclusive, considerado "o bairro mais violento da cidade em 96. O Distrito Policial responsável pela área, o 47º DP, ocupa o topo da lista das dez delegacias com maior número de homicídios em São Paulo." Segundo uma matéria da Folha de São Paulo, houve 233 homicídios em Capão Redondo no ano de 1996 (Folha de São Paulo, 1997).

Diante de tanta violência, o *hip-hop* foi um instrumento encontrado por muitos jovens periféricos para expressarem sua indignação com o que acontecia ao seu redor. O grupo paulistano demonstrou sua indignação com a miséria, o racismo, a violência policial e o "sistema", principal responsável, conforme muitas canções do grupo, por empurrar os jovens para a criminalidade.

INFLUÊNCIAS

Além da realidade em que se encontravam, outro fator decisivo para as letras agressivas foram as influências que o grupo teve. Na música "Jesus Chorou" do álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002), Mano Brown cita o nome de algumas dessas influências:

Gente que acredito, gosto e admiro
Brigava por justiça e paz, levou tiro
Malcolm X, Gandhi, Lennon, Marvin Gaye
Che Guevara, 2pac, Bob Marley

E o evangélico Martin Luther King
(Racionais MC's, 2002).

As pessoas que o eu-lírico admira têm diferentes pensamentos, ideologias e nacionalidades. Contudo, a letra deixa evidente que todos lutaram pela paz de diferentes formas e acabaram tendo suas vidas ceifadas por homicídios, explicando assim a admiração do eu-lírico por essas figuras. Em outra canção, "Júri Racional", é a vez de Edi Rock citar o nome de algumas referências: "gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee, Zumbi, o grande herói, o maior daqui" (Racionais MC's, 1993).

Além das já citadas influências brasileiras no campo musical, os Racionais também foram influenciados por artistas como Jorge Ben Jor, Cassiano, Tim Maia e outros. Do ponto de vista ideológico, Mano Brown afirma que o grupo tomou como influência organizações do movimento negro como a Frente Negra Brasileira e o Movimento Negro Unificado. Em relação a esse cenário, Mano Brown alega que "quando o Racionais chegou, já tinha esse ambiente formado e o Racionais surgiu nesse ambiente dentro dos bailes, dentro desse ambiente já construído" (Brown, 2021)

Portanto, os ideais de resistência do movimento negro já circulavam nos bailes blacks frequentados por Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay, sendo a Chic Show e o baile da Zimbabwe dois exemplos desses eventos. A fala de Mano Brown reforça o papel de sociabilidade e troca de informações que esses eventos tiveram para a formação ideológica do grupo.

Quanto às influências estrangeiras, a concentração de nomes está nos Estados Unidos, tanto por ser o berço do *hip-hop* quanto devido ao volume de informações que chegavam ao Brasil desse país. Além das influências dentro do *hip-hop* norte-americano, como Tupac Shakur (ou 2pac), N.W.A e Public Enemy, nomes como Marvin Gaye e James Brown são duas das maiores influências musicais norte-americanas do grupo, sendo citados em várias músicas. Do ponto de vista ideológico, Malcolm X e Martin Luther King dão a tônica do discurso, sendo duas lideranças na luta pelos direitos civis dos afro-americanos nos Estados Unidos.

A influência de Malcolm X no *rap* talvez seja mais notável do que a de Luther King. Essa influência está muito relacionada à busca por mudar a situação enfrentada pela população negra. Muitas vezes considerado radical ou revolucionário, Malcolm X possuía uma postura mais combativa do que outras lideranças do movimento negro nos Estados Unidos, e é exatamente essa forma de se posicionar diante da segregação racial que

passou a inspirar os integrantes do grupo, conforme afirma KL Jay em entrevista ao Instituto Geledés.

Para finalizar, ele também nos ensinou sobre como se defender. Muito da dita agressividade que tem nas letras do Racionais vem disso. De pretos entendendo que podem sim reagir! Que estamos em território inimigo. O Brasil para mim é um território inimigo. E você deve reagir à violência que o Estado te oferece, que a sociedade te oferece, que o racismo sempre ofereceu. Tem que ser malandro, tem que botar medo, não pode ser bobo. As pessoas precisam olhar para nós e pensar “Esses cara são problema, não vou mexer com eles não.” (Portal Geledés, 2017).

Assim, o não conformismo do líder negro dos Estados Unidos provocava inspiração nos integrantes do grupo. Seu desejo de acabar com o racismo na sociedade por todos os meios necessários fez com que ele fosse citado em mais de uma música dos Racionais:

Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcolm X em outros tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
(Racionais MC's. Voz Ativa, 1992).

Mais do que uma influência, o sentimento do grupo por Malcolm X é de admiração, considerando-o alguém que resgatou o sentimento do que é ser negro nos Estados Unidos. Portanto, surge a necessidade de ter alguém como ele no Brasil, um líder negro com uma postura mais radical, postura essa necessária para o momento que a população negra atravessava.

Outro elemento que deve ser mencionado ao tratar das influências é o contato dos *rappers* brasileiros com o Instituto Geledés, uma ONG do movimento feminista negro que ampliou o grau de politização desses *rappers*. Isso aproximou os integrantes do movimento *hip-hop* brasileiro dos ideais do movimento negro e feminista. O Geledés foi responsável por prestar assistência a esses artistas em diversos graus, desde cursos e palestras de conscientização política até assistência jurídica em casos de racismo.

O contato da ONG com o *hip-hop* ocorreu após o assassinato de um *rapper* em um metrô em São Paulo. Como resultado, alguns integrantes do movimento procuraram o Instituto Geledés em busca de ajuda do programa "SOS Racismo", que oferecia assistência jurídica a pessoas vítimas de racismo. Posteriormente, a organização passou a atuar firmemente dentro do movimento *hip-hop* paulistano através de projetos como o "Projeto Rappers" e o Femini Rap, este último focado em *rappers* mulheres. Além disso, destaca-se a Revista *Pode Crê!*, considerada a primeira revista

especializada em *hip-hop* em território brasileiro, que buscava tanto informar sobre o *hip-hop* quanto conscientizar as pessoas sobre seu papel de mudança na sociedade e seus direitos.

Obviamente, essas influências se manifestaram de formas diversas e em variados graus. No entanto, é um fato que todas essas figuras citadas contribuíram para formular o discurso e a ideologia do grupo, sendo a não aceitação ao status quo um elemento determinante que perpassa todos eles.

A INDIGNAÇÃO

O período de abertura política não foi pacífico, conforme pregado pelos militares brasileiros. Mesmo com o advento do período democrático após o fim da ditadura militar, a juventude negra periférica permanecia sem voz e sem poder para usufruir de seus direitos como cidadãos. O *hip-hop* rapidamente se tornou uma ferramenta capaz de incluir esses jovens, que não estavam presentes nas universidades nem na política institucional, mas possuíam o desejo de serem ouvidos, como atesta a introdução de uma música do Racionais MC's: "Usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país" (RACIONAIS MC'S. *Fim de semana no parque*, 1993).

A música *rap* se transformou em um meio para a população negra periférica expressar seus sentimentos. O cenário nas periferias era desesperador, justificando a necessidade de radicalizar o discurso. O resultado foram letras enérgicas que escancaravam a realidade. Logo na primeira faixa de seu álbum de estreia, *Holocausto Urbano* (1990), a conversa inicial que introduz a música comprova um sentimento de indignação com o que estava ocorrendo nas periferias: "Certo não está né, mano. E os inocentes, quem os trará de volta?" (RACIONAIS MC'S. *Pânico na zona sul*, 1990).

A denúncia surge como um grito para a transformação, um chamado para que aqueles que estão ouvindo a música não naturalizem tais absurdos e passem a se conscientizar para a mudança, como um "Chega, não iremos aceitar mais", como observado na música "Pânico na Zona Sul".

Racionais vão contar a realidade das ruas
Que não media outras vidas
A minha e a sua
Viemos falar que pra mudar
Temos que parar de se acomodar e acatar o que nos prejudica
(Racionais MC's, 1990).

O "pânico" presente no título da música faz referência à onda de violência que ocorria nos anos 90 na Zona Sul de São Paulo, conforme

especificado anteriormente neste artigo. Essa onda de violência provocava o que foi denominado de *Holocausto urbano*, nome do álbum, uma clara alusão ao sucessivo extermínio da população negra.

O que o grupo propõe, em última instância, é uma reação à dura realidade enfrentada pelos jovens negros periféricos. O grupo almeja que a população da periferia deixe de assumir o papel de vítima passiva, pois, por muito tempo, essa população tem sofrido sem que ações efetivas sejam tomadas. Por fim, considerando que o *rap* é um instrumento da cultura *hip-hop* adotado pela população negra periférica para expressar sua revolta, é importante agora compreender para onde essa revolta foi canalizada nas músicas dos Racionais.

CLASSE, RAÇA E RACISMO

Nas letras do grupo, classe e raça são vistos como categorias indissociáveis:

A visão do Racionais sobre a mestiçagem brasileira só pode ser entendida no cruzamento de “raça” com a categoria “classe social”. O problema da desigualdade racial não pode ser entendido se não for cruzado com a questão da desigualdade social – o racismo atinge principalmente as famílias pobres (Teperman, 2015, p.77).

De maneira geral, a associação entre classe e raça é mais uma das características do movimento negro contemporâneo que o grupo de *rap* acompanha. Pereira (2010, p. 107) destaca que "a perspectiva de luta que passou a articular as categorias de raça e classe é uma importante característica da política negra que se constitui no Brasil a partir da década de 1970".

A "burguesia" é apontada como responsável direta pela miséria estabelecida nas favelas, contribuindo, assim, para que a violência na periferia continue dizimando jovens pretos e seja naturalizada, pois é a "burguesia" que detém o poder na sociedade. A classe dominante é diretamente responsabilizada pela pobreza causada na periferia.

A burguesia conhecida como classe nobre
Tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres
Por outro lado, adoram nossa pobreza
Pois é dela que é feita sua maldita riqueza
(Racionais MC's. *Beco sem Saída*, 1990).

Em uma teia de fatores que se conectam, a “burguesia” é vista como responsável pela pobreza nas favelas, logo conseqüentemente a mesma “burguesia” acaba se tornando responsável pelo grande número de jovens

entrarem no mundo do crime, já que a pobreza é vista como fator determinante para entrada das pessoas no mundo da criminalidade.

Pobreza e miséria também são elementos que canalizam a revolta do grupo, já que, como dito anteriormente, esses são fatores que atraem o jovem periférico para o mundo do crime:

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
Muitos morreram sim, sonhando alto assim
Me digam quem é feliz, quem não se desespera
Vendo nascer seu filho no berço da miséria
(Racionais MC's, *Homem na estrada*, 1993).

O que se pode ver nas letras do grupo é um confronto direto entre a população residente das periferias e aqueles que residem em bairros nobres, podendo confirmar que há uma tensão entre os ricos e a população da favela, pois a riqueza de um retroalimenta a pobreza do outro e vice-versa. A raiva contra a classe alta é evocada várias vezes:

Feliz e agitada toda playboyzada
As garagens abertas eles lavam os carros
Desperdiçam a água, eles fazem a festa
Vários estilos, vagabundas, motocicletas
Coroa rico boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente queimada sorridente
A mesma vaca loura circulando como sempre
[...]
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá
(Racionais MC's. *Fim de semana no parque*, 1993).

Na canção em questão, o eu-lírico está em uma área distante de sua "quebrada" e de longe observa pessoas de uma classe mais abastada financeiramente. Ao observar o que eles estão fazendo, o personagem destila toda sua raiva por presenciar ostentação e desperdício, pois no seu local de origem a realidade é totalmente oposta e as pessoas não têm o mínimo necessário para a sobrevivência.

O preconceito racial também é tema constante das letras, porém a indignação contra o racismo não fica só no discurso, o grupo prega a reação ofensiva em casos dessa natureza:

Racionais declaram guerra
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda
E os manos que nos ouvem irão entender
Que a informação é uma grande arma
[...]

Contra os racistas otários é química perfeita
Inteligência e um cruzado de direita
(Racionais MC's, 1992).

Na música em questão, “Negro Limitado” do EP *Escolha seu caminho* (1992), a violência física é levada em consideração, pois como dito antes, os Racionais pregam o fim do discurso passivo de naturalização do racismo. Todavia, a informação também é tomada como uma arma diante do racismo para que a população negra venha a se conscientizar e parar de aceitar calada as angústias que sofre.

O grupo também nega qualquer discurso que tente naturalizar a miséria em que a população negra está. É possível ver em suas letras uma condenação do conceito de democracia racial, mais explicitado no final da canção “Racistas Otários” (1990), na qual é exibida uma fala que valoriza a miscigenação racial e afirma não haver preconceito racial no Brasil. Após a fala vem uma risada em tom de deboche. A revolta contra esse tipo de discurso também se faz presente.

O movimento negro a partir de 1970 tem em uma de suas características a denúncia do mito da democracia racial, principalmente através do Movimento Negro Unificado (Pereira, 2010, p. 61). Ao beber dessa influência, como já dito anteriormente, os *rappers* paulistanos rechaçam qualquer ideia referente a uma possível harmonia entre as raças no Brasil.

ESTADO/SISTEMA

O ódio ao Estado também é visto frequentemente nas letras do Racionais nos anos 90. A indignação com o Estado brasileiro passa por dois fatores principais: a falta de assistência dada à população necessitada por meio de políticas públicas e a repressão provocada pelas forças policiais.

Em relação ao primeiro fator, a indignação se dá justamente por essa falta de assistência do Estado, que acabaria empurrando os jovens das periferias para a criminalidade. Em estudo feito sobre a criminalidade na São Paulo dos anos 90, Alencar (2001, p. 52) citou alguns dos motivos responsáveis pela acentuação dos índices de criminalidade:

Podemos citar o abandono do espaço público e/ou privatização desse espaço, acentuando a exclusão social; falta de opção de espaços de cultura e lazer, em locais mais atingidos pelo crime; desemprego, aliciamento de menores por traficantes, tráfico de drogas, sentimento de impunidade, desestruturação familiar, pobreza, drogas, álcool, posse de armas, enfim, instrumentos os

mais diversos, que possibilitaram e possibilitam a renovação constante de novas formas de manifestação da criminalidade. (Alencar, 2001, p. 52).

Grande parte desses problemas poderiam ser evitados se o Estado agisse de forma a assegurar os direitos e deveres dos cidadãos. Sem educação de qualidade, sem saúde, sem oportunidades, a opção acaba sendo recorrer ao crime:

Menores carentes se tornam delinquentes
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente
A saída é essa vida bandida que levam
Roubando, matando, morrendo, entre si se acabando
Enquanto homens de poder fingem não ver
Não querem saber, faz o que bem entender
E assim aumenta a violência
(Racionais MC's, *Tempos difíceis*, 1990).

Se, por um lado, o Estado não fornece políticas públicas, ele se faz presente nas favelas para reprimir a população. Nesse sentido, o Estado, ou o "sistema", como dizem muitas canções dos Racionais, acaba sendo tomado como quase sinônimo para a instituição polícia, ofendida nas letras do grupo por exterminar jovens negros nas periferias do país. Um exemplo bem evidente está na música "Homem na Estrada", do álbum *Raio-X do Brasil* (1993):

Não confio na polícia, raça do caralho
Se eles me acham baleado na calçada
Chutam minha cara e cospem em mim, é
Eu sangraria até a morte, já era, um abraço
(Racionais MC's, 1993).

A letra acima rendeu inclusive uma passagem na polícia ao grupo. Em novembro de 1994, quando se apresentavam no Vale do Anhangabaú, os policiais subiram ao palco para prender os integrantes dos Racionais MCs quando eles cantaram o trecho acima. Na ocasião "a Polícia Militar alegou que as músicas dos rappers incitam o crime e a violência" (Folha de São Paulo, 1994).

Nos anos 90, recorte temporal enfatizado nesse artigo, houve casos emblemáticos de violência policial em São Paulo que repercutiram em âmbito nacional, chegando à grande mídia e chamando atenção para a causa do abuso policial. É de 1997, por exemplo, o caso da Favela Naval, onde uma série de reportagens foram ao ar no Jornal Nacional. As reportagens continham gravações de policiais torturando, espancando e matando pessoas na Favela Naval, em Diadema/SP. Outro caso que chocou o país foi o Massacre do Carandiru em 1992, quando policiais assassinaram

mais de 100 presos após uma rebelião, episódio contado na música “Diário de um detento”.

O Estado, através do aparato policial, passa a reprimir a população periférica e colocá-la sob controle. Situação que foi acentuada nos anos 90 de São Paulo, tanto pelos altos índices de criminalidade, como pelo fato do país ter acabado de sair de um regime militar, pois houve “uma larga continuidade na prática de arbítrio policial na ditadura militar e no regime de transição, mesmo porque as agências repressivas pouco se transformaram durante este período” (Pinheiro; Izumino; Fernandes, 1991, p. 108).

Não é o objetivo do artigo fazer uma análise da forma de governo que os Racionais defendem, entretanto é nítida a revolta com o sistema capitalista, tido como um sistema formado pelos ricos e que privilegia os ricos. Um sistema cruel que reprime para manter a ordem e controlar a população. Em entrevista para Spensy Pimentel, o DJ do grupo KL Jay afirma que: “Estudando história, você vê que tudo hoje é fruto da exploração do homem pelo homem. Não é possível que todo mundo seja rico um dia: para ser rico é preciso explorar o próximo, de alguma forma” (Pimentel, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período da redemocratização foi um período fértil para a eclosão de movimentos sociais. A liberdade de expressão, ao menos formalmente, aos poucos retornava ao país. É nesse cenário que o movimento *hip-hop* chega ao Brasil, sendo São Paulo o seu berço. Bailes, eventos e festas *hip-hop* se tornaram comuns e um espaço para a socialização negra.

Entretanto, nada ia bem na periferia. Violência policial continuava, a criminalidade aumentava e a crise econômica provocava miséria no lado esquecido da cidade. A reação dos diferentes segmentos da população negra diante das injustiças que lhe acometem são as mais diversas. Para os jovens paulistanos dos Racionais MCs, a reação foi usar o *hip-hop* para dar voz a milhares que não tinham a oportunidade de falar.

O contexto em que estava inserido, as influências recebidas pelo grupo e as próprias especificidades do *rap* fizeram com que os Racionais MC's demonstrassem toda sua revolta nas letras, buscando assim uma transformação do status quo. Essa revolta foi direcionada para alguns alvos como a miséria e pobreza, o sistema, a burguesia e o racismo.

As letras “violentas” do grupo resultaram em sua estigmatização como marginais, bandidos e alvo de diversos estereótipos racistas. As músicas do grupo devem ser interpretadas como uma forma legítima de autodefesa, um contra-ataque às ofensivas lançadas contra a população das favelas. Suas letras expuseram de maneira crua a realidade das periferias, destacando e denunciando o “Holocausto urbano” que ocorria na década de 1990 e persiste até os dias atuais.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Edson Rildo Penha de. **Mortes violentas na cidade de São Paulo na década de noventa: os números da violência da criminalidade na América Latina e Caribe nos anos 90**. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) - Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

AZEVEDO, A. M.; SILVA, S. J. da. UM RAIOS DO MOVIMENTO HIP-HOP. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 212–239, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/122>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BROWN, Mano. **Mano Brown cita a influência de movimentos antirracistas na criação dos Racionais MC's**. set. 2021. Entrevistador: Lázaro Ramos. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2021. 2 min. Entrevista concedida ao programa Espelho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTZte6ui-Zk>. Acesso em: 24 mar. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Capão Redondo foi o bairro com mais homicídios em 96**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/30/cotidiano/14.html#:~:text=O%20Capão%20Redondo%20foi%20o,Foram%20233%20casos..> Acesso em: 26 mar. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Polícia prende grupos de rap durante show**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GARCIA, W. Elementos para a crítica da estética do Racionais MC'S (1990-2006). **Ideias**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 81–108, 2013. DOI: 10.20396/ideias.v4i2.8649382. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649382>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GENIUS. **Racionais MC's - Mil faces de um homem leal (Marighella)**. Disponível em: <https://genius.com/Racionais-mcs-mil-faces-de-um-homem-leal-marighella-lyrics>. Acesso em: 25 mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. In: PISNKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 234-290.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **"O mundo negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. 2010. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PIMENTEL, Spensy. Hip Hop como utopia. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. p. 103-112.

PIMENTEL, Spensy. Mano Brown. 2000. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2000/11/15/mano-brown/>. Acesso em: 25 nov. 2023.

PINHEIRO, P. S.; IZUMINO, E. A.; FERNANDES, M. C. J. Violência fatal: conflitos policiais em São Paulo (81-89). **Revista USP**, [S. l.], n. 9, p. 95-112, 1991. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i9p95-112. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25552>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PORTAL GELEDÉS. **A importância de Malcolm X para o rap nacional**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/importancia-de-malcolm-x-para-o-rap-nacional/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e educação: a experiência do movimento hip hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo Negro, 1999. p. 23-38.

TEPERMAN, Ricardo. **Se Liga no Som: as transformações do Rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015

YOUTUBE - NETFLIX BRASIL. **Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo** | Trailer oficial | Netflix Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yygycbPNjAI&t=17s>. Acesso em: 25 mar. 2023.

MÚSICAS UTILIZADAS

RACIONAIS MC'S. "**Beco sem saída**". In: Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS MC'S. "**Capítulo 4 versículo 3**". In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RACIONAIS MC'S. "**Diário de um detento**". In: Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RACIONAIS MC'S. "**Fim de semana no parque**". In: Raio-X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.

RACIONAIS MC'S. "**Homem na estrada**". In: Raio-X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.

RACIONAIS MC'S. "**Jesus chorou**". In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RACIONAIS MC'S. "**Júri racional**". In: Raio-X do Brasil. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993.

RACIONAIS MC'S. "**Mil faces de um homem leal (Marighella)**". São Paulo: Cosa Nostra, 2012.

RACIONAIS MC'S. "**Negro limitado**". In: Escolha seu caminho. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992.

RACIONAIS MC'S. "**Pânico na zona sul**". In: Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS MC'S. "**Racistas otários**". In: Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS MC'S. "**Tempos difíceis**". In: Holocausto Urbano. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990.

RACIONAIS MC'S. "**Voz ativa**". In: Escolha seu caminho. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992.

**A REVOLTA NEGRA PERIFÉRICA NOS ANOS 90 ATRAVÉS DO GRUPO
RACIONAIS MC'S**

RESUMO

Este artigo visa esclarecer o sentimento de contestação à ordem vigente por parte do grupo de rap brasileiro Racionais MC's na década de 1990, considerando o grupo como representante de uma parcela da população negra residente nas periferias da cidade de São Paulo. Para atingir esse objetivo, serão analisadas as influências do grupo, o contexto social envolvente, além da investigação de algumas composições do grupo, a fim de compreender a indignação expressa em suas letras.

Palavras-chave: Hip-Hop, Movimento negro, Periferia, Cultura urbana

***THE PERIPHERAL BLACK REVOLT IN THE 1990S THROUGH THE BRAZILIAN RAP
GROUP RACIONAIS MC'S.***

ABSTRACT

This article aims to elucidate the sentiment of challenging the prevailing order by the Brazilian rap group Racionais MC's in the 1990s, considering the group as representatives of a segment of the black population residing in the peripheries of the city of São Paulo. To achieve this objective, the influences of the group, the surrounding social context, as well as an investigation into some compositions of the group, will be examined in order to comprehend the indignation expressed in their lyrics.

Keywords: *Hip-Hop, Black Movement, Shantytown, Urban Culture.*

**LA REVUELTA NEGRA PERIFÉRICA EN LOS AÑOS 90 A TRAVÉS DEL GRUPO
RATIONAIS MC'S**

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo esclarecer el sentimiento de desafío al orden vigente por parte del grupo de rap brasileño Racionais MC's en la década de 1990, considerándolo representativo de una porción de la población negra que vivía en las afueras de la ciudad de São Paulo. Para lograr este objetivo, se analizarán las influencias del grupo y el contexto social que lo rodea, además de indagar en algunas de las composiciones del grupo, con el fin de comprender la indignación expresada en sus letras.

Palabras clave: Hip-Hop, Movimiento negro, Periferia, Cultura urbana